



JÚLIA GABOARDI BODANESE

**Comparação das variedades de português de Trás-os-Montes, Portugal e do Oeste
Catarinense, Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.^a Dra. Cristiane Horst

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Horst

Prof.^a Dra. Cristiane Horst (UFFS)

Rivael Mateus Fabricio

Prof. Me. Rivael Mateus Fabricio (UFFS)

Fiedler

Prof. Me. Lukas Fiedler (Universidade de Leipzig)

Comparação das variedades de português de Trás-os-Montes, Portugal e do Oeste Catarinense, Brasil¹

Júlia Gaboardi Bodanese²

juliagaboardi96@gmail.com

RESUMO: Com a presente pesquisa, visamos investigar duas variedades linguísticas de português, faladas em Trás-os-Montes, Portugal e no oeste catarinense, na cidade de Pinhalzinho, no Brasil. Pretendemos analisar as diferenças e semelhanças linguísticas entre essas duas variedades menos prestigiadas na sociedade em geral. O estudo se insere no campo da Geolinguística e Sociolinguística, utilizando como referencial teórico principal, a Dialectologia Pluridimensional de Harald Thun (2010). Um caderno de anotações será utilizado para a pesquisa em Pinhalzinho (V1), enquanto a obra "*Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*", de Martins, Pires e Sacramento (2017), será a principal referência para a análise da variante de Trás-os-Montes (V2). A pergunta que orienta o desenvolvimento da investigação desta pesquisa, questiona até que ponto há convergências ou divergências nas variedades do português falado em Trás-os-Montes e no oeste catarinense do Brasil, em função de influências geolinguísticas e sociolinguísticas. Objetivando, portanto, analisar as variedades do português por meio de registros de lexias espontâneas produzidas pelos falantes de Pinhalzinho em um caderno de campo e as palavras registradas no dicionário em análise por meio de comparação de dados lexicais. Desse modo, esperamos que, apesar da distância geográfica e das diferenças contextuais, seja possível identificar semelhanças linguísticas entre as duas variantes, especialmente devido a processos de formação influenciados por fatores socioeconômicos e culturais. Além disso, esta pesquisa busca contribuir para a desconstrução da ideia de uma cultura monolíngue, considerando o conceito de "plurivariiedade", apresentado por Altenhofen (2013), que se refere à coexistência de variedades dentro de um mesmo grupo linguístico, tanto na fala quanto na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística; Português de Trás-os-Montes (Portugal); Português do Oeste Catarinense (Brasil); Identidade linguística.

Introdução

Esta pesquisa se insere no âmbito dos estudos sobre variação linguística, abrangidos neste trabalho como uma expressão da identidade de povos. Martins, Pires e Sacramento (2017) destacam que as variedades da língua portuguesa refletem diferentes formas de identidade, evidenciando a herança linguística, os valores, as tradições e a cultura dos falantes. Os autores também argumentam que a língua portuguesa renasce no singular, manifestando-se de forma específica em determinados espaços geográficos, e a variação linguística é transmitida de geração em geração, consolidando-se como um elemento cultural dinâmico.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Cristiane Horst.

² Acadêmica da 10a fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó.

Neste contexto, a pesquisa focaliza em duas regiões falantes de língua portuguesa: a primeira, localizada no oeste de Santa Catarina, no Brasil, especificamente na cidade de Pinhalzinho (V1), e a segunda, situada na região norte de Portugal (V2). As duas variedades de português, são aparentemente muito distantes. Elas apresentam características linguísticas próprias e subvalorizadas: V1 corresponde ao português brasileiro e V2 ao português europeu. As cidades onde essas variedades são faladas apresentam influências multiculturais distintas. A cidade da V1 é habitada, predominantemente, por descendentes de italianos e alemães, enquanto a cidade da V2, próxima à fronteira entre Portugal e Espanha, reflete um histórico de contato linguístico entre portugueses e espanhóis.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar a existência de possíveis semelhanças entre essas variedades de português menos prestigiadas pela sociedade em geral. Para alcançar esse objetivo, será realizada uma pesquisa utilizando a metodologia pluridimensional de Thun (2010). O modelo em cruz³, descrito por Thun⁴ (2020), será aplicado como ferramenta essencial para a comparação de dados semântico-lexicais que serão coletados através de caderno de anotações da oralidade e da escrita e pela obra “*Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*”, de Martins, Pires e Sacramento (2017), que é fruto de uma pesquisa do português de Trás-os-Montes (Portugal).

Assim, este trabalho pretende investigar as duas variedades de forma que a investigação será direcionada à descrição semântico-lexical das variantes. Serão realizadas anotações em caderno de campo referentes à variedade V1 (português falado e registros escritos diversos observados no oeste catarinense). Os léxicos registrados serão, então, contrastados com os da variedade V2 (português falado em Trás-os-Montes, Portugal), conforme documentado no *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, organizado por Martins, Pires e Sacramento (2017), com o intuito de identificar possíveis correspondências de significado entre as duas variedades.

Esta pesquisa encontra relevância por abordar o português em seus contextos de variedade, de geografia linguística geolinguística e de plurilinguismo, partindo do pressuposto de que a língua é intrinsecamente heterogênea. Conforme argumenta Thun (2005), a noção de variedade implica sempre uma relação com outras manifestações linguísticas, estabelecendo dinâmicas de subordinação, superioridade ou equivalência. Nesse sentido, analisar duas variedades historicamente marginalizadas do português, como a falada em Pinhalzinho, Santa

³ O modelo em cruz, proposto por Harald Thun (2020), é uma representação gráfica utilizada na dialetologia pluridimensional que permite visualizar, de forma cruzada, condicionamentos espaciais e sociais que influenciam a distribuição de variantes linguísticas.

⁴ Professor Doutor da Universidade de Kiel, na Alemanha.

Catarina (V1), e a presente na região de Bragança, em Trás-os-Montes, Portugal (V2), representa um esforço para valorizar formas linguísticas pouco prestigiadas, mas culturalmente significativas.

A escolha por essas variedades justifica-se justamente por sua condição de subvalorização nos contextos linguísticos nacionais, o que reforça a importância de investigar os fatores socioeconômicos, geográficos e históricos que influenciaram sua constituição. Para isso, adotam-se os pressupostos teóricos da geolinguística pluridimensional de Harald Thun (2005; 2010; 2020), que propõe a análise das línguas em múltiplas dimensões de variação (diatópica, diastrática, diageracional, diafásica), além de oferecer ferramentas metodológicas como o modelo em cruz, que permite sistematizar contrastes linguísticos com base em diferentes perfis sociais e geracionais.

As variedades linguísticas estudadas nesta pesquisa, estão localizadas em países diferentes. A primeira variedade (V1) encontra-se na região oeste do Sul do Brasil, especificamente na cidade de Pinhalzinho, no estado de Santa Catarina. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pinhalzinho é predominantemente habitado por pessoas de origem alemã e italiana, possui uma população de 15.224 residentes (Censo 2022) e 62 anos de fundação. A segunda variedade (V2) está situada no norte de Portugal, na cidade de Bragança, pertencente ao Distrito de Bragança, região conhecida como “Transmontana⁵”. A variedade em questão é chamada pelos habitantes locais de “Língua Transmontana”. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE), Bragança possui 34.582 habitantes (Censo 2021) e uma história de 560 anos.

Metodologicamente, esta pesquisa fundamenta-se na perspectiva da Dialectologia Pluridimensional proposta por Thun (2010), que orienta a análise de dados linguísticos considerando diversas dimensões da variação, como a diatópica, diastrática e diafásica.⁶ Tal abordagem permite um olhar relacional entre as variedades linguísticas em estudo, respeitando suas especificidades e contextos socioculturais. Para a variedade V1, correspondente ao português falado no oeste catarinense, os dados serão coletados por meio de anotações em caderno de campo, realizadas em espaços públicos e informais de convivência na cidade de Pinhalzinho (SC), a partir da escuta espontânea e sem identificação prévia dos interlocutores conforme orientações de Thun (2005) e Labov⁷ (1984). A escolha

⁵ Nome dado ao dialeto de quem vive na região de Trás-os-Montes, localizada no norte de Portugal.

⁶ Diatópica: considera informantes em um domicílio fixo; Diastrática: compara informantes de classe sociocultural alta e de classe sociocultural baixa; Diafásica: contempla três estilos de uso da língua, a saber: respostas ao questionário, leitura e conversa livre (etnotextos).

⁷ Linguista americano reconhecido como o fundador da sociolinguística moderna.

dessa técnica visa captar a língua em uso, conforme orienta a Dialectologia Pluridimensional. Já a variedade V2, referente ao português falado em Trás-os-Montes, Portugal, será analisada a partir dos registros lexicais sistematizados na obra *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, de Martins, Pires e Sacramento (2017), selecionada como *corpus* por sua relevância para a documentação da variedade em questão e por reunir unidades lexicais típicas do falar transmontano. O contraste entre os léxicos das duas variedades buscará evidenciar possíveis correspondências semânticas, aproximações estruturais ou divergências, contribuindo para a compreensão da variação linguística em contextos historicamente distintos.

1. Questões e hipóteses de pesquisa

A questão da pesquisa proposta é: apesar da distância geográfica e das diferenças contextuais, é possível identificar semelhanças linguísticas entre as duas variedades de português? Hipoteticamente, é possível que, tais semelhanças sejam explicadas por processos de formação influenciados por fatores socioeconômicos e culturais.

Para fundamentar a análise lexical comparativa, serão utilizados dois referenciais teóricos principais: o *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, de Martins, Pires e Sacramento (2017), como base para a variedade V2 (Trás-os-Montes), e o *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) de Krug (2013), como suporte complementar na delimitação dos itens lexicais da variedade V1 (oeste catarinense). A inserção do ALCF justifica-se pela sua contribuição para o mapeamento de traços linguísticos regionais do sul do Brasil, que oferecem dados relevantes e comparáveis aos registros feitos em caderno de campo.

Ambas as variedades analisadas compartilham características importantes: são originárias do português, apresentam formas linguísticas próprias, e encontram-se em contextos de menor prestígio sociolinguístico em seus respectivos países. Assim, esta pesquisa busca investigar, por meio de uma análise contrastiva, se há correspondências linguísticas mais profundas entre V1 e V2, valorizando a diversidade interna da língua portuguesa sob a perspectiva da Dialectologia Pluridimensional.

Ao longo desta pesquisa, será elaborado um quadro comparativo que permitirá descrever e contrastar as lexias de ambas as variedades, com objetivo de identificar semelhanças e diferenças estruturais e semânticas. Assim, este trabalho busca verificar a

existência de elementos interligados entre as duas variedades e contribuir para a reflexão sobre a diversidade linguística do português, valorizando a coexistência de formas regionais.

2. Referencial teórico

Nesta seção serão expostos os principais pressupostos teóricos que embasam este trabalho. Considerando que a presente pesquisa aborda o papel de verificação da variação e diversidade linguística da língua portuguesa pelo mundo, esta pesquisa caracteriza de modo especial, duas áreas plurilingues, uma do Brasil e outra de Portugal, onde está focada esta pesquisa. A partir do escopo teórico da Dialectologia Pluridimensional e de pesquisas realizadas em projetos do grupo *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) e o *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, pretendemos fornecer uma pesquisa que possa verificar a existência de possíveis semelhanças entre as duas variedades menos prestigiadas.

Altenhofen⁸ (2013) afirma que a língua mantém uma interação constante com as variedades utilizadas pelos indivíduos. Nesse contexto, Wandruszka⁹ (1980) contribui ao sugerir que muitos falantes de uma mesma língua frequentemente empregam diferentes variedades em seu uso diário, caracterizando-os como "plurilíngues dentro de uma mesma língua".

Com base nessa abordagem, o interesse principal desta pesquisa é a análise contrastiva entre as duas variedades linguísticas investigadas, com o intuito de identificar possíveis semelhanças. A partir do levantamento de dados lexicais, verificar a existência de semelhanças entre as variedades evidenciadas, além das semelhanças inerentes ao fato de ambos fazerem parte da língua portuguesa.

Com a noção de "plurivariabilidade¹⁰", apresentada por Altenhofen (2013), como contraponto à ideia de uma cultura monolíngue, pretendemos ampliar a compreensão sobre os modos plurais de existência da língua portuguesa, suas variações internas e os contextos socioculturais em que se inscrevem.

⁸ Doutor em Germanística, pela Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Alemanha e Docente do Programa de Pós-Graduação do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁹ Linguista, filólogo e escritor austríaco citado por Altenhofen (2013).

¹⁰ O conceito de "plurivariabilidade" é apresentado por Altenhofen (2013) e se refere à coexistência de variantes dentro de um mesmo grupo linguístico, tanto na fala quanto na escrita.

3. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, serão selecionados léxicos a serem contrastados com base no modelo em cruz proposto por Thun (2010). A metodologia será estruturada em duas etapas principais: seleção dos léxicos, para a V1 através de anotações em caderno de campo e para a V2 no Dicionário; análise contrastiva desses léxicos com base no Modelo em Cruz. Na primeira etapa, será examinada uma obra que representa a variedade linguística da V2. Para a Variante 1 (V1), serão utilizadas anotações em caderno de campo, realizadas em espaços públicos e informais de convivência na cidade de Pinhalzinho (SC), a partir da escuta e observação espontânea e sem identificação prévia dos interlocutores, enquanto a Variante 2 (V2) será representada pelo *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, de Martins, Pires e Sacramento (2017). A partir disso, serão extraídos os léxicos, que servirão de base para a etapa seguinte, na qual os dados serão levantados e contrastados por meio do modelo em cruz proposto por Thun (2010)

3.1 Primeira fase: seleção dos léxicos

Considerando a ampla variedade de palavras existentes na língua portuguesa e nos materiais utilizados nesta pesquisa, foi necessário estabelecer critérios padronizados para a seleção dos léxicos representativos das duas variedades analisadas (V1 e V2). No caso da V1, como não havia material escrito disponível, optou-se por delimitar um campo semântico específico com base em registros de falas informais coletadas em um espaço público: a sala de espera de uma unidade básica de saúde. Essa delimitação permitiu uma abordagem mais sistemática e comparável. Para a V2, os léxicos foram extraídos do *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, priorizando-se os que se alinham semanticamente aos encontrados na V1. Essa estratégia visou garantir coerência metodológica e relevância analítica para os objetivos da pesquisa.

3.2 Segunda fase: contraste dos léxicos de V1 e de V2

Nesta segunda fase, a pesquisa propõe o contraste dos léxicos previamente extraídos, tanto da obra *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano* (referente à V2), quanto

do caderno de campo elaborado a partir de escutas espontâneas realizadas em espaço público no município de Pinhalzinho (V1), conforme mencionado.

Para garantir a padronização e a comparabilidade dos dados, esta etapa da pesquisa fundamenta-se em Thun (2010), com ênfase na análise da variação lexical segundo as dimensões diasssexual, Ho (sexo masculino) e Mu (sexo feminino), e diageracional, GI (geração mais jovem) e GII (geração mais velha). No caso da variedade V1, essa padronização será operacionalizada por meio da aplicação do modelo em cruz, o qual possibilita a representação visual e simultânea dessas duas dimensões sociolinguísticas, permitindo identificar tendências lexicais associadas a perfis específicos de falantes.

Entretanto, no caso da variedade V2, por se tratar de uma fonte lexicográfica e não de registros orais com informantes identificados, não é possível aplicar diretamente o modelo em cruz, uma vez que as informações sobre gênero, faixa etária e nível sociocultural dos falantes não estão disponíveis. Ainda assim, será realizada uma seleção de léxicos com base em critérios semânticos e funcionais, a fim de identificar possíveis correspondências com os dados coletados em V1. A análise, nesse caso, terá caráter contrastivo, voltada à identificação de semelhanças e diferenças entre as duas variedades em termos de uso lexical, considerando as limitações metodológicas impostas pela natureza do *corpus*.

A escolha dessas dimensões segue a proposta metodológica defendida por Thun em *Variação na interação entre informante e entrevistador*, na qual se valoriza a observação da língua em uso a partir de fatores sociais concretos que influenciam o comportamento linguístico. A partir dessas categorias, será possível identificar padrões de recorrência, traços conservadores ou inovadores e possíveis convergências entre as duas variedades em estudo.

Na sessão seguinte, apresentam-se os léxicos selecionados para análise, organizados conforme os critérios estabelecidos nesta etapa da metodologia.

3.3 Dos léxicos levantados no caderno de campo: V1

Destaca-se, antes da apresentação dos léxicos, que estas palavras foram anotadas em caderno de campo, instrumento metodológico fundamental na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional proposta por Thun (2010). Conforme o autor relatou na entrevista realizada por Krug e Horst (2022), o caderno de campo permite o registro da língua em uso, como ocorre em situações espontâneas de interação, valorizando a variação real da fala em seus contextos sociais e comunicativos. Diferentemente de entrevistas propriamente ditas ou

questionários, esse tipo de registro possibilita captar a linguagem viva, com todas as marcas próprias da oralidade, como hesitações, repetições, interferências e usos não padronizados.

Nesta etapa, apresentam-se os léxicos coletados na variedade V1, correspondente à fala popular registrada no município de Pinhalzinho, situado no oeste de Santa Catarina. As ocorrências foram anotadas a partir de falas informais captadas em um espaço público: a sala de espera de uma unidade básica de saúde, por meio de observação direta e escuta atenta, sem qualquer interação com os falantes, garantindo assim, a espontaneidade dos enunciados. As palavras foram registradas com base em ocorrências reais e, sempre que possível, foram anotadas informações sobre os falantes, como sexo e faixa etária, a fim de possibilitar uma análise sociolinguística fundamentada nas dimensões propostas pelo modelo em cruz. Nos quadros abaixo, os léxicos estão organizados com a respectiva indicação do grupo sociolinguístico (GI ou GII; masculino ou feminino), bem como o contexto aproximado da enunciação. Essa sistematização busca garantir clareza na apresentação dos dados e fornecer subsídios para a posterior análise contrastiva com os léxicos da variedade V2.

Quadro 1: Léxicos coletados na variedade V1

	Léxico	Significado	Sexo	Faixa etária	Grupo Sociolinguístico
1	Zoreia/zorelha	orelha	homem	+ velho	GII-Ho
2	Peixar	bater	mulher	+ velha	GII-Mu
3	Xaropiar	reclamar	mulher	+ velha	GII-Mu
4	De vereda	rápido	homem	+ velho	GII-Ho
5	Arredar	afastar	mulher	+ velha	GII-Mu
6	Quebra-mola	lombada	homem	+ novo	GI-Ho

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Durante a observação, registraram-se interações entre dois indivíduos que, presumivelmente, formavam um casal de idosos (GII-Ho e GII-Mu). Embora não tenha havido contato direto com os interlocutores, uma vez que a coleta se baseou unicamente em escuta e anotações no caderno de campo, o comportamento linguístico observado aponta para um padrão: as variações lexicais mais regionais, menos prestigiadas pela sociedade em geral, foram mais recorrentes entre os falantes da geração mais velha. Quando um homem mais novo (GI-Ho) se dirigia ao casal, reproduzia os mesmos conteúdos temáticos, porém

utilizando léxicos mais próximos da norma culta da língua portuguesa. Um exemplo representativo é o uso do léxico “zoreia/zorelha” pela GII-Mu, ao passo que o GI-Ho, em resposta, empregou a forma “orelha”.

Com o objetivo de observar possíveis regularidades no uso dos léxicos registrados, apresentamos a seguir um quadro com os léxicos que foram repetidos ao longo da interação, destacando os casos em que uma mesma palavra foi utilizada por mais de um falante, espera-se que auxilie na identificação de possíveis tendências de uso, independentemente da faixa etária ou do gênero dos falantes. O quadro a seguir apresenta os léxicos repetidos e os respectivos perfis sociolinguísticos dos falantes. Cabe ressaltar que todos os registros foram anotados em caderno de campo e refletem variações espontâneas da língua em uso.

Quadro 2: Léxicos repetidos na variedade V1

	Léxico Repetido	Significado	Grupo Sociolinguístico que utilizou a variante	Grupo Sociolinguístico que utilizou a norma padrão da língua
1	Zoreia/zorelha	orelha	GII-Ho	GI-Ho
4	De vereda	rápido	GII-Ho	GI-Ho
6	Quebra-mola	lombada	GI-Ho e GII-Mu	

Fonte: elaborado pela autora (2025)

3.4 Dos léxicos selecionado no Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano: V2

Conforme já mencionado, os léxicos correspondentes à variedade V2 foram selecionados a partir da obra *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*, organizada por Martins, Pires e Sacramento (2017), que reúne expressões do falar regional transmontano com o objetivo de preservar a herança linguística e cultural dessa comunidade. Conforme destacado no prefácio da obra, o falar transmontano constitui uma manifestação viva das tradições, costumes e identidades locais, é uma expressão autêntica da diversidade da língua portuguesa e da memória coletiva das gerações.

Logo, a seleção dos léxicos aqui apresentados baseou-se em sua semelhança de significado com os termos registrados na variedade V1 (Pinhalzinho/SC), de modo a possibilitar uma análise contrastiva entre essas duas variantes do português popular. Embora os dados da V2 sejam de natureza lexicográfica e não tragam informações específicas sobre o perfil sociolinguístico dos falantes (como sexo ou faixa etária), a obra contempla expressões

enraizadas no uso oral cotidiano, muitas das quais herdadas entre gerações, conforme afirmam os autores da obra base, o que permite estabelecer aproximações com os dados registrados no Brasil. A seguir, apresentamos os léxicos selecionados, com seus respectivos significados e a indicação de correspondência funcional ou semântica com os dados da V1.

Quadro 3: Léxicos selecionados na variedade V2

	Léxico V2	Léxico correspondente V1	Significado aproximado
1	Gueixa	Zoreia/zorelha	vitela (tem relação com cabeça/orelha)
2	Bourar	Peixar	bater
3	Granizar	Xaropiar	resmungar, tagarelar
4	Brébe	De vereda	apressadamente, rápido
5	Galar	Arredar	empurrar ou afastar
6	Goma	Quebra-mola	lomba entre os vales

Fonte: elaborado pela autora (2025)

3.5 Contraste dos Léxicos

Com base na proposta metodológica de Thun (2010), a presente pesquisa adota o modelo em cruz para sistematizar e visualizar a distribuição dos itens lexicais selecionados na variante V1. Essa ferramenta permite observar a variação linguística de forma pluridimensional, contemplando, neste caso, duas dimensões sociais principais: a diassexual (diferença de uso entre homens e mulheres) e a diageracional (diferença entre gerações mais jovens e mais velhas).

Considerando a natureza dos dados coletados em V1, obtidos por meio de anotações em caderno de campo, com escuta e registros únicos para grande parte dos léxicos, optou-se por aplicar o modelo em cruz apenas aos itens que apresentaram mais de uma ocorrência, ou que evidenciaram contrastes relevantes entre grupos sociolinguísticos distintos. Essa delimitação visa preservar a coerência analítica e respeitar os limites empíricos do *corpus*, sem comprometer a aplicação dos princípios da Dialetologia Pluridimensional.

A seguir, apresentamos os quadros correspondentes aos itens lexicais selecionados para análise contrastiva, organizados a partir das informações registradas no caderno de

campo e interpretados segundo os parâmetros propostos. Os dados são sistematizados conforme as dimensões diageracional e diassexual, com base no modelo em cruz, permitindo visualizar de forma integrada os padrões de variação observados na variedade V1, em contraste com os léxicos da variedade V2.

Quadro 4: Contraste em cruz do léxico “zoreia”

GII-Ho	GII-Mu
Zoreia	Zoreia
Orelha	sem dados
GI-Ho	GI-Mu

Fonte: elaborado pela autora (2025)

3.5.1 Análise contrastiva das variantes lexicais: V1 – “zoreia”, V2 – “gueixa”

O léxico *zoreia/zorelha*, variante popular para “orelha”, foi utilizado por falantes da geração mais velha (GII), tanto homem quanto mulher, enquanto o homem mais jovem (GI-Ho) recorreu à forma padrão *orelha*. Essa distribuição evidencia uma tendência de manutenção da variante regional entre os mais velhos e de aderência à norma culta pelos mais jovens. A presença do termo *gueixa* no Dicionário Transmontano, com sentido vinculado à cabeça de vitela, sugere uma possível relação metafórica ou funcional com a referência à cabeça/orelha, indicando um uso culturalmente localizado. Ainda que as formas não coincidam formalmente, observa-se uma recorrência da tematização corporal em ambas as variedades.

Entretanto, não é possível afirmar com segurança que o léxico *gueixa* seja empregado, na variedade V2, com o mesmo valor referencial que *zoreia/zorelha* na V1, isto é, para se referir diretamente ao aparelho auditivo humano. Supõe-se, com base na carga cultural e no contexto em que aparece no dicionário, que *gueixa*, quando aplicada a pessoas, possa ocorrer em situações informais, entre indivíduos com grau elevado de proximidade, possivelmente com tom irônico ou depreciativo. No entanto, essa hipótese somente poderá ser confirmada mediante a realização de uma pesquisa de campo em território transmontano, com coleta de dados empíricos submetidos à apreciação de um Comitê de Ética. Por ora, o que se pode

afirmar com base na análise documental é que o termo *gueixa* é usualmente utilizado, na V2, para se referir ao aparelho auditivo dos animais, especialmente em contextos rurais.

Quadro 5: Contraste em cruz do léxico “de vereda”

GII-Ho	GII-Mu
sem dados	De vereda
Rápido	sem dados
GI-Ho	GI-Mu

Fonte: elaborado pela autora (2025)

3.5.2 Análise contrastiva das variantes lexicais: V1 – “de vereda”, V2 – “brébe”

A expressão *de vereda*, utilizada por um homem mais velho (GII-Ho), contrasta com a forma padrão *rápido*, empregada pelo homem mais novo (GI-Ho), para indicar velocidade ou prontidão. Essa oposição reflete uma clara diferença geracional no repertório lexical. O termo transmontano *brébe*, registrado com o sentido de “apressadamente”, estabelece uma correspondência semântica com *de vereda*, reforçando a ideia de que expressões idiomáticas e adverbiais marcadas regionalmente tendem a persistir entre os falantes mais velhos. O dado sugere que, mesmo em variantes geograficamente distantes, há recursos lexicais semelhantes para expressar rapidez de forma não padronizada.

Neste caso, diferentemente do observado na análise do Quadro 4, constatamos uma correspondência semântica mais direta entre os termos analisados. Tanto *de vereda* quanto *brébe* expressam a ideia de rapidez em contextos cotidianos, o que reforça a hipótese de que variantes regionais, ainda que geograficamente distantes, podem compartilhar formas linguísticas funcionalmente equivalentes. Nesse caso, a relação entre os léxicos das variedades V1 e V2 se mostra mais estável, evidenciando uma continuidade no uso de expressões adverbiais informais para indicar agilidade.

Quadro 6: Contraste em cruz do léxico “quebra-mola”

GII-Ho	GII-Mu
sem dados	Quebra-mola
Quebra-mola	sem dados
GI-Ho	GI-Mu

Fonte: elaborado pela autora (2025)

3.5.3 Análise contrastiva das variantes lexicais: V1 – “quebra-mola”, V2 – “goma”

O léxico *quebra-mola*, utilizado na V1 como sinônimo de “lombada”, foi utilizado tanto por um homem mais jovem quanto por uma mulher idosa. A presença da forma em diferentes gerações e gêneros indica que esse termo pode estar consolidado localmente como a forma preferida, independentemente da adesão à norma culta. No português transmontano, a palavra *goma* é registrada com o sentido de “lomba entre os vales”, o que pode representar uma correspondência topográfica ou metafórica, embora menos diretamente funcional. A análise sugere que o “*quebra-mola*” é um regionalismo internalizado e naturalizado na região da V1, diferente do uso mais geográfico presente em *goma*, no caso da V2.

Logo, assim como no caso apresentado no Quadro 4, uma análise mais precisa sobre os usos contextuais e os sentidos atribuídos ao léxico *goma* na V2 exigiria a realização de uma pesquisa de campo junto a falantes transmontanos, com os devidos trâmites éticos aprovados por um Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, com base nos dados disponíveis, confirma-se a existência de variedades lexicais funcionalmente semelhantes em ambas as variedades analisadas, evidenciando a diversidade da língua portuguesa em contextos geolinguísticos distintos.

4 Discussão

A análise contrastiva realizada com base na Dialetoologia Pluridimensional de Thun (2010) permite supor que determinados léxicos regionais identificados na variedade V1 (Pinhalzinho, Santa Catarina, Brasil) tendem à restrição geracional ou ao abandono em favor de formas mais próximas da norma culta. Essa constatação se confirmou especialmente nos casos em que a forma regional foi utilizada exclusivamente por falantes da geração mais velha

(GII), enquanto os mais novos (GI) optaram por formas padronizadas, como se observou nos pares: *zoreia* e *orelha*, ou *de vereda* e *rápido*.

Na comparação entre as variedades, o par de léxicos *de vereda* (V1) e *brébe* (V2) revelaram um nível mais direto de correspondência semântica, ambos com o sentido de “rapidamente”. Já no caso de *goma* (V2) e *quebra-mola* (V1), a relação foi mais metafórica do que funcional: enquanto *goma* refere-se a “lomba entre os vales”, *quebra-mola* designa a elevação artificial nas vias, mas ambas compartilham o traço de obstáculo no percurso, em uma estrada. No quadro 3 (conferir), já observamos que *guilhar* (V2) mostrou divergência significativa em relação a *peixaram* (V1), sendo este último relacionado a “bater”, e aquele, em Trás-os-Montes, ligado a um ato de cunho sexual, ainda que violento, o que demonstra que a semelhança sonora não implica semelhança funcional. Esses dados revelam que, além das semelhanças, os contrastes também fornecem indícios importantes sobre trajetórias divergentes da evolução lexical em variedades mais populares da língua portuguesa e normalmente consideradas menos prestigiadas pela sociedade em geral. Os dados analisados demonstram que mesmo quando um léxico é mantido em determinadas falas, por gerações diferentes, como ocorre com *quebra-mola* na V1, pode sofrer variações significativas em relação à função e contexto de uso quando comparado a outra variedade da língua, como a V2. A análise dos pares lexicais contrastados confirma que a variação linguística é condicionada por múltiplos fatores: geracionais, geográficos, e culturais, e que nem sempre a semelhança formal entre palavras implica equivalência semântica.

5 Resultados

A tendência de apagamento do léxico regional entre os mais jovens valida a hipótese de perda de certas variantes locais e dialoga diretamente com as motivações que impulsionaram a criação do *Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano*. Segundo Martins, Pires e Sacramento, o projeto surgiu como um “exercício de grande urgência num tempo em que a reprodução geracional de saberes e dizeres em muitos contextos transmontanos, por motivos demográficos e não só, está seriamente estrangida” (Martins; Pires; Sacramento, 2017, p. XIV).

Além disso, conforme apontado por Thun (2005), a Dialetologia Pluridimensional possibilita visualizar os condicionamentos sociais que influenciam a vitalidade ou o apagamento de variantes não hegemônicas. O modelo em cruz adotado permitiu observar que determinadas formas lexicais permanecem ativas apenas em grupos sociais específicos,

especialmente entre falantes mais velhos. Isso revela um deslocamento linguístico em curso, que, se não for documentado, resultará no desaparecimento de repertórios inteiros de fala.

Ao mesmo tempo, o apagamento gradual dessas variantes entre os jovens indica um deslocamento de perspectiva sociolinguística. Thun (2005, p. 113) já chamava atenção para esse fenômeno ao propor uma abordagem pluridimensional e relacional que não se limitasse a uma única variedade ou norma. Segundo ele:

“[...] o princípio da pluridimensionalidade permite organizar, assim, o ‘aparente caos’. O que também deixa claro é que a abordagem de migrações como também de línguas minoritárias, de modo geral, necessariamente implica a consideração de contatos linguísticos, obrigando o deslocamento do foco de análise de uma perspectiva monolíngue [...] para uma perspectiva multilíngue e multivarietal”.

Nesse sentido, a abordagem metodológica proposta nesta pesquisa busca justamente esse deslocamento, ao não comparar as variantes com a norma-padrão da língua, mas entre si. Assim, a análise de léxicos como *goma*, *brébe* ou *gueixa* evidencia a importância de se preservar o contexto de uso e os sentidos culturais atribuídos a essas palavras. Ao se considerar, por exemplo, que *gueixa* pode carregar sentidos irônicos ou depreciativos em certas comunidades transmontanas, percebe-se que não se trata de um termo isolado, mas de um marcador de relações sociais identitárias.

Portanto, como já afirmado nesta pesquisa, preservar essas variantes é preservar os modos de vida de falantes. É nesse ponto que a presente pesquisa se conecta às políticas de valorização da diversidade linguística e de patrimônio imaterial. Além disso, os autores do Dicionário destacam que muitas das palavras registradas são “deturpações fonéticas exclusivas de um registo oral marcadamente popular” e, por isso, “não têm estatuto para a inclusão em dicionários de língua geral” (Martins; Pires; Sacramento, 2017, p. XIII). Essa constatação reforça a importância deste trabalho e cumpre com um dos objetivos principais da pesquisa: de se estudar, documentar e valorizar os regionalismos como parte fundamental da diversidade linguística do português, seja em Portugal, seja no Brasil. Observa-se a obra analisada:

“Aqui o leitor vai encontrar: palavras de entrada recente na língua; as que se recordam por serem proferidas pelas gerações mais velhas e hoje em desuso; palavras antigas mas de uso corrente; as palavras deturpadas que andam na boca do povo” (Martins; Pires; Sacramento, 2017, p. XV).

Nesse sentido, a análise contrastiva proposta nesta pesquisa vai ao encontro das finalidades da obra portuguesa: reconhecer que as palavras, especialmente aquelas ligadas à oralidade popular, carregam em si um valor sociocultural que ultrapassa sua função meramente denotativa. Preservá-las, portanto, é também preservar modos de vida e visões de mundo, em outras palavras: tudo aquilo que contribui para a cultura viva de um espaço.

Assim, esta pesquisa, ao trazer à tona dados espontâneos da oralidade popular brasileira e compará-los com registros lexicográficos de Portugal, propõe-se como mais um passo na direção de uma linguística comprometida com a valorização das palavras marginalizadas e que podem ser apagadas com o tempo.

Por fim, esta pesquisa não se encerra em si mesma, mas deixa um convite para que outras pesquisas se voltem aos falares populares como legítimos. Conforme alerta Altenhofen (2013), é preciso atentar para os processos pelos quais os migrantes, ao se estabelecerem em novas territorialidades, ora conservam, ora substituem ou inibem marcas da variedade de origem. Assim, ao passo que a V2 conta hoje com uma obra dedicada à preservação do seu léxico regional, o Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano, a V1 ainda carece de um projeto similar que reconheça, registre e valorize as palavras que compõem o repertório linguístico e cultural do povo pinhalense.

Diante disso, deixa-se em aberto a possibilidade de, futuramente, a partir de pesquisas mais amplas e detalhadas, ser elaborado um material lexical da região de Pinhalzinho. Tal iniciativa daria continuidade ao presente estudo e contribuiria para vitalizar a memória linguística local frente à crescente homogeneização dos falares populares. Que este trabalho, portanto, sirva como ponto de partida para novas pesquisas voltadas à valorização da língua portuguesa.

6 Considerações finais

Essa comparação entre as variedades lexicais da região Oeste Catarinense, no Brasil e do território de Trás-os-Montes, em Portugal, não foi feita ao acaso: ela surgiu da experiência vivida pela pesquisadora durante um período de Mobilidade Acadêmica Internacional na cidade de Bragança, situada justamente na região transmontana, ou, Trás-os-Montes. A imersão linguística e cultural nesse contexto permitiu a observação direta de práticas de fala profundamente marcadas por identidade própria, a qual despertou o interesse por uma investigação que concretizou-se na presente pesquisa.

Conforme expressa Moreira (2017), Trás-os-Montes é um “Reino Maravilhoso que todos podem ver, desde que ‘os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração”, é com esse olhar atento que esta pesquisa buscou compreender e valorizar os falares populares, seja no Brasil, seja em Portugal. Que este trabalho também se some ao desejo dos autores do Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano, que aspiram que a obra “esteja presente em todas as livrarias do país e, quem sabe, em todo o mundo lusófono” (MOREIRA, 2017, p. XVI), contribuindo para a preservação de uma herança linguística que resiste no cotidiano dos falantes, mesmo diante da homogeneização crescente dos usos da língua. Esperamos, assim, que a presente pesquisa contribua para ampliar o número de conhecedores e valorizadores dessas variedades linguísticas.

A presente pesquisa buscou evidenciar a vitalidade das variedades linguísticas regionais do português, colocando em contraste formas lexicais coletadas com base na anotação em caderno de campo do português em uso no Oeste Catarinense (V1) e registros lexicográficos do português europeu transmontano (V2). Os resultados evidenciaram que muitas dessas formas expressam sentidos específicos em seus contextos e carregam marcas identitárias, culturais e históricas de seus falantes. Nesse sentido, a análise linguística proposta não se limita a um levantamento lexical, mas propõe-se como ato cultural e sociolinguístico de resistência ao apagamento dessas expressões.

Como afirmam Martins, Pires e Sacramento (2017), o Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano surgiu como um “exercício de grande urgência num tempo em que a reprodução geracional de saberes e dizeres [...] está seriamente constrangida” (p. XIV). Essa urgência também atravessa o contexto brasileiro, onde observamos a tendência de substituição de termos populares por variantes mais próximas da norma culta. Esta pesquisa busca reforçar essa hipótese, ao revelar, por exemplo, que termos como *zoreia* ou *de vereda* foram usados exclusivamente por informantes mais velhos.

Conforme aponta Adriano Moreira (2017, p. XV), “a língua é uma essencial expressão da identidade de povos, um indispensável instrumento”, e as variedades regionais “refletem e exprimem diferentes formas de identidade”. Preservar tais formas é preservar a memória, os saberes e a cultura de comunidades que historicamente ocupam posições de menor prestígio social.

O reconhecimento da língua como patrimônio imaterial, como defendido no prefácio da obra de Martins, Pires e Sacramento (2017), deve incluir as “tradições, rituais, costumes”, e sustentar uma “linha contínua que une as gerações mais velhas, os nossos antepassados, às

novas gerações” (p. XIII). Preservar o léxico popular, portanto, é também uma forma de resistência contra o apagamento das identidades.

Em suma, a comparação entre dados brasileiros e portugueses traz à tona convergências e divergências que evidenciam a riqueza e a complexidade da língua portuguesa. Essa diversidade deve ser vista como uma fonte de valor sociocultural que merece ser reconhecida e documentada. Como afirma Moreira (2017, p. XV), “o nosso idioma global também vive e renasce no singular, no que é específico de determinadas localidades, regiões, aldeias tão nossas”. Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para tal.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual**. Revista de Letras Norte@Mentos, Sinop, v. 6, n. 12, p.31-52, 2013.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Atlas das línguas em contato na fronteira. **Estudos Linguísticos Da/Na Fronteira Sul**, [S.L.], p. 85-101, 2021. Editora UFFS.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativas da população residente com dados de referência em 2022. Pinhalzinho, Santa Catarina: IBGE, 2020. Disponível em:<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/pinhalzinho.html> . Acesso em: 29 nov. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS. Estimativas da população residente com dados de referência em 2021. Bragança, Portugal: 2021. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007822&contexto=bd&selTab=tab2&xlang=pt . Acesso em: 29 nov. 2024.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Dialetologia Pluridimensional e Relacional: entrevista com o professor Dr. Harald Thun. **Work Pan Linguíst**, Florianópolis, n. 231, p. 8-16, 2022.

KRUG, Marcelo J. 2013. **Questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira**. Relatório final da FAPERGS.

LABOV, William. The Study of Language in Its Social Context. **Basic Concepts, Theories And Problems**, [s. l], v. 1, p. 152-216, 1970.

MARTINS, Cidália; PIRES, José; SACRAMENTO, Márcio. **Dicionário de Palavras Soltas do Povo Transmontano**. Lisboa: Guerra e Paz, 2017. 224 p.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 59-81, jun. 2017.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, v. 40, n. 40, p. 82-104, 2017.